

RABINO NILTON BONDER

A Cabala do dinheiro.

A presente resenha retrata a palestra proferida pelo Rabino Nilton Bonder, em Curitiba, sobre o tema: “A Cabala do Dinheiro: reflexões sobre sustento e prosperidade”. Buscou-se através dela apresentar os principais pontos de reflexão trazidos pelo palestrante, para ao final operar uma análise crítica das ideias a partir de mediações com outras culturas e outras formas de relação com o dinheiro e a abundância, demonstrando a riqueza como algo bom e almejavél, nos quatro “mundos” expostos pelo palestrante.

AUTORES:

Roland Hasson - advogado fundador de Hasson Advogados; mestre e doutor em Direito.

Szyja Lorber – jornalista, professor de Geografia, História e Estudos Sociais; especialista em conflitos do Oriente Médio.

“A Cabala do dinheiro: reflexões sobre sustento e prosperidade”, foi o tema da palestra do rabino Nilton Bonder em Curitiba, no Graciosa Country Club, no dia 29/6/17. O evento fez parte do programa “Pensando o Brasil”, daquele clube, em parceria com o Unibrasil Centro Universitário, a B’nai Brith do Paraná, a Universidade Federal do Paraná, o Solar do Rosário, Casillo Advogados e a Cultura Inglesa.

A palestra em questão foi também uma aula sobre ética, sabedoria e bom humor judaicos. O rabino Nilton Bonder é líder espiritual da Congregação Judaica do Brasil, no Rio de Janeiro, doutor em Literatura hebraica pelo Jewish Theological Seminary, conferencista e escritor com quase duas dezenas de livros publicados, destacando-se entre eles a famosa trilogia “A Cabala da comida”, “A Cabala do dinheiro” e “A Cabala da inveja”.

O rabino iniciou dizendo que “é bem mais longa que um braço a distância que vai do coração ao bolso. Os antigos rabinos sabiam disso. Os novos também”. Em torno desse velho ditado judaico, o rabino Bonder discorreu sobre alguns dos capítulos de seu livro “A cabala do dinheiro”, lançado pela editora Imago em 1991 e sucesso de vendas no mercado livreiro. É o segundo livro de uma trilogia que começou com “A dieta do rabino - A cabala da comida”, e completado com “A cabala da inveja”. Outro ditado citado por Bonder, também da tradição judaica, diz tudo: “Uma pessoa se faz conhecida através de seu copo, bolso e ódio”.

A palavra cabala, presente nos três títulos, em hebraico, significa receber. Diz respeito a fluxos e coisas que não devem ser retidos. “O bolso, o copo e a raiva são meios de retenção. E a retenção é problemática, porque, se excede, transborda”, expôs o rabino. Com “A dieta do rabino”, o primeiro livro da trilogia bem sucedida de Bonder, que chegou ao segundo lugar nas listas dos mais vendidos, na época, ocorreu algo muito interessante. O livro, embora não tratasse de uma receita de dieta, despertou o interesse de quem queria emagrecer (chegou a ser adotado pelos Vigilantes do Peso), e dos mais esotéricos que, assim como o autor, também acreditam que do corpo se chega à alma e por nenhum outro caminho. Curiosamente, fenômeno semelhante ocorreu com “A Cabala do dinheiro”, com as pessoas comprando o livro para aprender como ganhar dinheiro. “Quem não sabe lidar com o dinheiro, a comida e o ódio, retém o que não é para ser retido”, declarou ele. Para Bonder, o mau uso dessas três formas de trocas pode levar à obesidade dos sentimentos.

Em sua palestra, esclareceu saber que está lidando com assunto complicado. Dinheiro é tema problemático para os homens, de modo



Rabino Nilton Bonder

geral. - “falamos de dinheiro com o mesmo pudor com que tratamos dos assuntos sexuais”, e para os judeus, particularmente. Afinal, desde a Idade Média, quando foram proibidos pela Igreja de serem donos de terras, os judeus convivem com o estereótipo que associa sua figura ao dinheiro e à avarizia. “Esta não é a razão que me levou a escrever o livro. Mas, obviamente, a questão me ocorreu e até me motivou, porque a tradição judaica é extremamente ética e cuidadosa com a questão do dinheiro”, explicou ele.

O desenvolvimento da palestra apoiou-se no livro que escreveu e este na estrutura da Cabala, o conhecimento místico da tradição judaica. E a partir disso evidenciou os conceitos como o da acumulação de riquezas em ‘outros mundos’. “Muitas vezes, as pessoas passam a vida inteira acumulando riquezas no mundo material, com altos custos para o mundo emocional e espiritual”, ressaltou Nilton Bonder. Na tradição dos rabinos, a lenda da formiga e da cigarra deveria ser contada pelo avesso. “A formiga excede. É um animal que precisa de pouco e trabalha demais. Esse é um problema muito atual. As pessoas lidam com o dinheiro como lidam com a geladeira: para preencher vazios que não querem encarar”.

Bonder sintetizou também a visão dos rabinos de que a natureza é mais violenta e cruel do que o mercado. E fez também uma associação moderna entre ecologia e economia: “Temos a sensação de que a grande questão humana do momento é lidar com a natureza de maneira não predatória. Os rabinos diziam que a grande questão é lidar com o mercado”. A ecologia seria um equilíbrio de mercado e não da natureza. “Os bons negócios, aqueles que trazem ganhos para os dois lados, geram abundância sem criar escassez”, resumiu ele, para acrescentar que “só assim se construiria um mundo menos consumista, onde o trabalho seria menos explorado e a riqueza mais bem distribuída. Na ética judaica há um forte componente de fé e crença de que na troca justa com o dinheiro há retomo de riqueza material, emocional e espiritual para todo mundo”, observou.

Segundo a tradição rabínica calcada na Cabala, cooperação e solidariedade são aspectos vistos como necessários nas boas transações econômicas, podem ser também elementos de transcendência e espiritualidade, que tornam o Mercado e as trocas efetuadas no dia a dia um cenário para a expressão religiosa e mística. O vocábulo “Gesheft”, em ídiche, representa



Auditório do Graciosa Country Clube.

justamente esta forma de se negociar com cooperação e ganhos mútuos. Segundo o rabino, o “Gesheft” seria uma obrigação espiritual; sempre que se puder gerar abundância ao outro sem que se gere escassez para si, deve-se fazê-lo.

A ética dos antigos rabinos passa ao largo da realidade brasileira: “A situação é aguda. Se as pessoas não perceberem que a relação justa com o dinheiro é que vai trazer riqueza, nunca iremos conseguir uma qualidade de vida que seja boa tanto para os que têm quanto para os que não têm dinheiro. Essa é a verdadeira ecologia de mercado”, defende Nilton Bonder com a mesma ênfase com que trata do assunto em seu livro.

Refletindo sobre os limites da riqueza, Bonder observou que “enriquecer é mais do que um direito, é um dever”, acrescentando que “o ser humano tem por missão combater a escassez, tanto aquela que ameaça o seu lar, quanto a que causa sofrimentos no mundo. A Cabala do dinheiro nos ensina, entre outras coisas, a importância dos negócios que geram uma relação de ganhos para todos e não provoquem destruição ao ambiente”, disse. “Por negócios” – explicou – “entenda-se também ajudar o próximo, fazer o bem”. Para o Rabino, o

lugar do mercado permite tais interações.

“Vivemos ao mesmo tempo em quatro ‘mundos’”, explicou o Rabino em sua palestra, enumerando-os: o físico (ou material), o emocional, o intelectual e o existencial (ou espiritual). Por isso, o Rabino não falou apenas do ponto de vista financeiro. Economizar recursos emocionais, não perder tempo nem esbanjar o tempo alheio, evitar criar falsas expectativas, deixar a fofoca de lado e até compartilhar conhecimento são conselhos que ele ofereceu. “Combater os maus impulsos também é fundamental para manter o equilíbrio dos universos material, emocional e espiritual”.

De acordo com o Rabino, estes quatro planos existenciais funcionariam como vasos comunicantes de riqueza e pobreza, de modo que a riqueza e a abundância devem ser buscadas nos quatro planos, sob pena de um ou mais deles esvaziarem os demais. A riqueza meramente material, o dinheiro, não é suficiente se houver pobreza emocional, intelectual ou espiritual, e sendo a riqueza e a abundância obrigações da vida (Ishuv Olam – obrigação de aumentar a abundância do cosmos), as pessoas devem buscar a abundância em todos os quatro planos.

A palestra se mostrou muito interessante por retratar um pouco da cultura judaica e a forma com que essa cultura se relaciona com a riqueza e a abundância. Além disso, trouxe pontos importantes de reflexão sobre a vida, sobre os planos existenciais, e sobre a relação de dinheiro e sustento. De acordo com o Rabino, o sustento é uma riqueza muito maior do que o dinheiro, e o sustento com abundância depende de um esforço físico, emocional, intelectual e existencial, mas também decorre da atitude das pessoas em relação a estes pontos. O Rabino concluiu lembrando que a vida quer nos dar abundância mais do que nós queremos ter, da mesma forma que “a vaca quer dar mais leite do que o bezerro quer mamar”; basta que nossa atitude se foque na produção desta abundância máxima sem que se gere escassez.

Ademais, a palestra também teve valia para demonstrar como diferentes culturas e religiões tratam de maneiras diferentes a relação do homem com o dinheiro e a riqueza. Enquanto que na Igreja Católica é comum ouvir que “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos céus” (Mateus 19:24), outras culturas, como a judaica, veem a riqueza e a abundância como uma obrigação das pessoas de viver bem, e de aumentar a abundância de todos,

como retratam os vocábulos “gesheft” e “ishuv olam”. Em tempos de pluralismo e de aumento da pobreza, reflexões como estas são essenciais para a melhora da qualidade de vida da população.

Em conclusão, a fala do Rabino ilumina um ponto que costuma ser deixado fora da equação na teoria da Economia, - inobstante sua importância já ter sido citada há muito, por Max Weber, - e que, como observado por Robert J. Barro e Rachel McCleary em um artigo publicado em 2003 intitulado Religion and Economic Growth, tem de fato influência no desenvolvimento econômico, que é a religião.

Ao mesmo tempo que o sistema de “crenças” é essencial para a economia (como é a crença no valor do dinheiro), a forma com que cada religião aborda a relação do homem com o dinheiro acaba por permear a cultura de um determinado povo, e desempenhar papel importante em seu desenvolvimento econômico. “A religião é uma dimensão importante da cultura”, afirmam acertadamente Barro e McCleary, e sendo assim, o diálogo entre as religiões como o ocorrido na palestra do Rabino enriquece a todos intelectualmente e abrem novas perspectivas de desenvolvimento e responsabilidade social. ●



Gustavo Bergman, Isac Baril, Rabino Nilton Bonder, Pablo Berman, Charles London, Alexandre Disfano, João Casillo, Rolland Hasson, e o presidente do Graciosa: Glauco Fernando Bley Filho. Ao fundo: Alexandre Distefano e Leon Knopholz.